

BREVES CONSIDERAÇÕES

BAIRRISMO

Aquando da criação deste semanário foi-me exigido pelo Ex.^{ma} Director que dissesse algumas palavras, como imperativo de cargo, palavras estas, a que dei o título de «Breves Considerações». Fi-lo com o maior gosto e considerei até meu dever o facto. O que não esperava, era ter que dar continuidade ao tema, mas por diversos motivos fui forçado a fazê-lo. Só é pena que o tempo que disponho seja diminuto, mas mesmo assim, apesar da vida atribulada que tenho, consigo por diletantismo, tempo para tudo o que constitui contributo para esta terra.

Assim escolhi para hoje o tema «BAIRRISMO».

Ser bairrista é ser amigo do seu bairro, da sua terra, da sua região, e, no sentido mais lato, ainda, da sua Pátria, ainda que para este caso haja termo próprio.

Mas para ser bairrista não basta dizer que não temos isto ou aquilo, não basta atribuir aos poderes públicos toda e qualquer responsabilidade. Estes, além da falta de meios não podem, por falta de tempo — não esforço — suprimirem todas as necessidades. As terras, os concelhos, só serão progressivos, de tudo, de todos os meios sociais, se os seus filhos unidos por sentimentos, vontade e ideias, contribuírem em todos os aspectos para o bem comum, não regeitando, nem esquivando-se em particular, em todos os sentidos, nas iniciativas locais. Eu, pessoalmente não tenho

(CONTINUA NA PAGINA SEIS)

O GOVERNADOR CIVIL DE EVORA VISITOU OFICIALMENTE ESTA VILA

No passado dia 15, Vila Viçosa teve a honra de receber, em visita de cumprimentos e trabalho Sua Excelência o Senhor Governador Civil.

Esta individualidade que chegou à Câmara Municipal às 10

(CONTINUA NA PAGINA SEIS)

O PROF. OLIVIO CAEIRO membro da Associação Internacional de Germanistas

O prof. Olivio José Caeiro, catedrático de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Lisboa, acaba de ser nomeado membro da Associação Internacional dos Germanistas

(CONTINUA NA PAGINA SEIS)

VILA VIÇOSA

terra inspiradora

e criadora de artistas

Ouçó com frequência, quando me perguntam onde nasci, os maiores elogios à minha terra, e sinto-me feliz nessa confirmação do meu próprio entendimento.

Um poeta alentejano, evocando sua vila natal, escreveu em versos simples, tocados de provinciana ingenuidade, esta quadra conceituosa:

A minha terra é linda porque é
[minha
E dela me não diga mal ninguém.
Eu tenho-lhe um amor que ninguém
[tem
E o amor faz bela a coisa mais
[mesquinha.

Efectivamente, o fundo sentimento que nos prende à terra mãe, tanto maior quanto mais dela nos afastamos, opera até este prodígio: o de transformar aos nossos olhos, por graça do amor e da saudade, o lugar onde nascemos e donde trouxemos, para sempre, as mais gratas recordações.

Já o povo diz, na sua experiência e sabedoria: «quem o feio ama, bonito lhe parece»...

Mas neste caso, felizmente, não há nada feio, e podemos afirmar, não apenas subjectivamente, que a

nossa terra «é linda porque é nossa», mas também que ela é linda de facto, pela real e geral e reconhecimento da sua beleza.

Por tradição remota diz-se que o lugar onde edificaram e se desenvolveu Vila Viçosa foi outrora denominado «Vale Viçoso», mas não há confirmação deste facto; o primeiro foral, concedido por D. Afonso III, mencionando topónimos por-

(CONTINUA NA PAGINA CINCO)

EXPOSIÇÃO LUSO-ESPANHOLA DE DOCUMENTAÇÃO TURÍSTICA NA ESTALAGEM D. SANCHO II EM ELVAS

Hoje, dia 30 de Junho, pelas 19 h. e 30 m., na ESTALAGEM D. SANCHO II, em Elvas, será inaugurada uma Exposição Luso-Espanhola de documentação turística.

Muito agradecemos o convite que amavelmente nos foi dirigido para estarmos presentes.

VILA VIÇOSA DE OUTRAS ERAS (VI)

O FAMOSO “CARACENA”

O cerco de 1665 ficou assinalado na história da nossa terra como um dos mais trágicos acontecimentos de que o povo guardou memória. Ocorreu, como se sabe, no período final das Guerras da Restauração de 9 a 17 de Junho desse ano, estando o castelo sitiado pelas tropas do Marquês de Caracena até ao momento decisivo da vitoriosa batalha de Montes Claros.

Tanto sofreu o povo e a guarnição que o nome, ou melhor, o título do general espanhol ficou tradicionalizado na designação desde logo atribuída ao sino mais importante de uma das torres do castelo e daí, por extensão, o próprio relógio que nessa torre se implantou ficou chamado de Caracena... Acho que ainda hoje por aí se diz quando alguém se refere ao relógio da igreja de S. Bartolomeu. E veremos hoje por que é este que mantém a tradicional e histórica designação.

Como dissemos, inicialmente foi assim apelidado o sino de uma das torres das Portas de Évora, já demolida há muito, por ter sido despedaçada pelos trons da artilharia

Secção de M. I. PESTANA

inimiga. O povo sentiu, de facto, o grave dano, pois aquele sino era o sinal das alegrias e tristezas da sua terra: calamidades, aproximação do inimigo em rebates de aflição, dias festivos da comunidade, etc. A «agressão» das tropas do Caracena ficaria para sempre lembrada...

Depois destas perturbações da guerra foi o sino refundido por Francisco Pinheiro, dele se aproveitando também para mandar fundir o último sino de correr do concelho que existiu nas casas da Câmara (onde agora está o novo Posto de Turismo, bem evidenciando ainda o campanário). No mesmo ano (1668)

o serralheiro Salvador Gomes aprontou o engenho de relojoaria, ficando assim pronto, pouco depois, para em rebates repiques e horas marcadas, poder continuar a sua missão a favor do bom povo calipolense.

Diz o historiador Rocha Espanca que em 1734 numa festa em honra de Nossa Senhora da Conceição, um sineiro com um simples repique quebrou o famoso Caracena, daí surgindo uma polémica entre a Confraria e a Câmara sobre qual das duas instituições haveria de pagar o conserto... Foi finalmente a Confraria que no ano seguinte resolveria o arranjo. Entretanto já em 1706 tinha sido proposta a transferência do Caracena para as torres da igreja dos Jesuítas (S. Bartolomeu), «porque — dizia-se — na dita Vila não há lugar mais eminente e acomodado para estar o dito Relógio».

Quando, porém, a Junta da Casa de Bragança teve de dar o seu parecer não concordou com a sugestão, esclarecendo:

Parece à Junta que Vossa Magestade deve ser servido ordenar que a torre que foi sempre do relógio se conserve naquela Vila como sempre esteve, pois não há conveniente que o Senado e o Povo dela entreguem o seu relógio a uma Comunidade particular que não há nunca de estar às ordens da Câmara, privando-se a esta mandar correr o sino na forma da Ordenação e fazer os

(CONTINUA NA PAGINA SEIS)

RIMA E... É VERDADE!

Valas, esgotos e... o resto

Vila Viçosa, outrora tão branquinha, agora mete dó!

A gente barafusta e engalinha com a lama, com as valas, com o pó, com os motores de máquinas potentes, que arrasam o ouvido, com tiros, com silvar de ar comprimido, com guinchos estridentes!

As suas largas ruas são carreiros, passa-se sobre tábuas...

Já não fazem negócio os taberneiros, porque ninguém lá vai afogar mágoas, com o receio de ao voltar p'ra casa, já com um grão na asa, ver duas pranchas e ir pôr o pé, na prancha «que não é»!

As garotas que passam donairosas, vendo os operários trabalhar no fundo das valas, atravessam, receosas, dizendo mal às modas deste mundo... E àquele operário que trabalha lá junto da frágil ponte, quanto mais baixo está, mais vasto se afigura o... horizonte!

(CONTINUA NA PAGINA DOIS)

O Encontro da Imprensa Não-Diária

constituiu uma jornada triunfal para a classe e a confirmação da nossa capacidade para o turismo

Ler na pág. 2

SEGUNDA-FEIRA, 2

1.º Programa:

12.45: Abertura e desenhos animados. 13.00: Feminino singular. 13.15: «A Família Partridge». 13.45: Telejornal. 14.00: Vivendo o futuro. 14.25: Logo à noite. 19.30: Telejornal. 19.45: TV Juvenil. 20.05: Momento desportivo. 20.25: Portugal além da Europa. 20.55: Folhetim — «Os Caminhos de Noé». 21.30: Telejornal. 22.05: «O Casal McMillan». 23.50: Telejornal. 23.55: Meditação e fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e «A Família Partridge». 20.55: Vivendo o futuro. 21.10: Desenhos animados. 21.30: Telejornal. 22.00: Museu do cinema. 23.20: Fecho.

TERÇA-FEIRA, 3

1.º Programa:

12.45: Abertura e «Abbot e Costello». 13.00: Fronteiras do amanhã. 13.15: «Debbie Reynolds». 13.45: Telejornal. 14.00: O livro à procura do leitor. 14.15: Logo à noite. 19.30: Telejornal. 19.40: TV Infantil. 20.05: TV Mundo. 21.30: Telejornal. 22.00: Noite de cinema. 00.10: Telejornal. 00.15: Fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e «Debbie Reynolds». 20.55: O livro à procura do leitor. 21.15: Desenhos animados. 21.30: Telejornal. 22.00: Expedição. 22.30: «Os Protectores». 22.55: Tempo Internacional. 23.15: Recital de Piano. 23.30: Fecho.

QUARTA-FEIRA, 4

1.º Programa:

12.45: Abertura e desenhos animados. 13.00: Feminino singular. 13.15: «Gente Miúda». 13.45: Telejornal. 14.00: Portugal no Mundo. 14.15: Logo à noite. 19.30: Telejornal. 19.45: Vamos jogar no Totobola. 20.00: Motores em marcha. 20.25: Cinemateca. 21.00: Desenhos animados. 21.30: Telejornal. 22.00: Música para olhar. 22.30: Os Césares. 23.50: Telejornal. 23.55: Meditação e fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e desenhos animados. 20.45: Portugal no Mundo. 21.00: «Gente Miúda». 21.30: Telejornal.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje e amanhã: FARMÁCIA TORRINHA.
De segunda-feira a domingo: FARMÁCIA MONTE.



FAZEM ANOS:

Em 30 de Junho:

Caetano Soldado
José António Rodrigues Travassos
Maria João Bilro Cabreirinha

Em 2 de Julho:

Maria José Fraústo Ferreira

Em 3 de Julho:

João Caetano Bragança
Joaquim António Ferrão Talhinhos

Em 5 de Julho:

Maria Manuela Ferrão Talhinhos

Em 8 de Julho:

Maria de Fátima Júlio Maurício

22.00: «Dr. Marcus Welby». 22.45: 2.º Programa:
Sabe o que são?... 23.30: Fecho.

QUINTA-FEIRA, 5

1.º Programa:

12.45: Abertura e «Alvin Show». 13.00: Vária. 13.15: «Por favor não comam os malmequeres». 13.45: Telejornal. 14.00: Um dia com... 14.15: Logo à noite. 19.30: Telejornal. 19.45: «Lassie». 20.10: Sangue na estrada. 20.25: Há só uma Terra. 20.55: Presença do passado. 21.30: Telejornal. 22.05: Reportagem do exterior. 23.50: Telejornal. 23.55: Meditação e fecho.

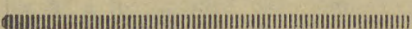
2.º Programa:

20.30: Abertura e desenhos animados. 20.45: Um dia com... 21.00: «Por favor não comam os malmequeres». 21.30: Telejornal. 22.00: Foi êxito na TV. 22.50: Encontro com o passado. 23.20: Fecho.

SEXTA-FEIRA, 6

1.º Programa:

12.45: Abertura e «Abbot e Costello». 13.00: Feminino singular. 13.15: «Os meus genros e eu». 13.45: Telejornal. 14.00: Conheça o Portugal Desconhecido. 14.15: Logo à noite. 19.30: Telejornal. 19.45: TV Palco. 20.15: Cartaz TV. 20.30: «Os Lusíadas». 21.30: Telejornal. 22.05: «Os Homens de Shiloh». 23.45: Telejornal. 23.50: Meditação e fecho.



Telefones úteis

Automóveis de aluguer	137
Bombeiros Voluntários	59
Café Cortiço	218
Café Framar	95
Café Restauração	46
Câmara Municipal	6
Casa do Povo	102
Cine-Teatro	135
Estação do Caminho de Ferro	36
Estação da Setubalense	203
Esc. Prep. de D. João VI	126
Fundação da Casa de Bragança	91
Grémio da Lavoura	3
Grupo «Amigos de Vila Viçosa»	144
G. N. R. — Vila Viçosa	5
» — Bencatel	18
» — São Romão	17
Hospital da Misericórdia	53
Jornal «O Calipolense»	232
P. S. P.	167
Padaria Jaleco	232
Recreio Artístico Calipolense	227
Repartição de Finanças	140
Secção Liceal de Vila Viçosa	206
Sociedade Artística Calipolense	25
Sociedade de Tiro aos Pombos	111
Tribunal Judicial	113

NO SEU INTERESSE
E NO DA SUA BIBLIOTECA
LEIA LIVROS DA

LIVRARIA ESCOLAR
de VILA VIÇOSA

HORÁRIO DA REDACÇÃO

DE «O CALIPOLENSE»

De 2.ª a 6.ª feira:

Das 9 h. e 30 m. às 13 horas e das
14 h. e 30 m. às 18 h. e 30 m.

Aos Sábados:

Das 9 h. e 30 m. às 13 horas.

O Encontro da Imprensa Não-Diária constituiu uma jornada triunfal para a classe e a confirmação da nossa capacidade para o turismo

Tal como noticiámos em números anteriores, realizou-se nos passados dias 16 e 17 um encontro de órgãos da Imprensa Não-Diária, com fins de camaradagem e promoção turística, a que se associaram diversas entidades e estabelecimentos ligados ao turismo.

Estiveram presentes a todos os actos, durante aqueles dois dias, mais de cem pessoas, entre as quais se contavam jornalistas da imprensa diárias, da não-diária e familiares de uns e de outros.

Cerca das 9.30 horas do dia 16 participantes começaram a concentrar-se junto ao Mosteiro dos Jerónimos, donde seguiram para o Convento do Bom Sucesso, onde foi celebrada uma missa por alma dos jornalistas falecidos. Daí seguiu-se para uma conferência entre todos os presentes, em termos de exaltação patriótica e de defesa e engrandecimento da classe.

Por volta do meio dia foi efectuada uma visita às instalações da DO-CAPECA, em Pedrouços, de cuja administração estiveram presentes o Comodoro Duarte Silva e o Dr. Silveira Pinto, que acompanhou os visitantes, a quem foi oferecido um aperitivo.

Cerca das 14 horas, na Estância Oceano, também conhecida pelo «NARCISO», do nome do seu proprietário, Narciso Luís Grave Júnior, que obsequiou os presentes, a todos foi servido um óptimo almoço, de ementa cuidada a confirmar o tradicional bom serviço daquele estabelecimento, donde se seguiu para o Hotel ESTORIL-SOL, que todos os participantes percorreram demonstradamente, observando em todos os seus pormenores instalações e serviço que tão bem colocam o nome do nosso País, graças ao espírito empreendedor do há pouco falecido Teodoro dos Santos.

Depois do beberete oferecido no Hotel Estoril-Sol, fez-se uma demorada visita a Cascais, a que se seguiu o jantar no luxuoso CLUB DOM CARLOS, donde se saiu cerca das 23 horas, a tempo ainda de se

ir ao espectáculo grandioso do CASINO ESTORIL, espectáculo de categoria internacional que lá fora tantas vezes ouvimos recordar a tantos estrangeiros com tamanha admiração e saudade.

Eram quase 3 horas da manhã quando os participantes, em autocarro e automóveis próprios, chegaram às magníficas instalações do centro de repouso do INEF, onde dormiram e no dia seguinte lhes foi servido o pequeno almoço.

No domingo, dia 17, final da Taça de Portugal, que o Sporting ganhou tão brilhantemente contra um Vitória de Setúbal que durante o Campeonato e até durante o jogo se mostrou superior — coisas e acasos do futebol — fez-se a visita ao Cabo da Roca, a que se seguiu uma visita a Sintra.

Em Sintra, no Palácio Valenças, os participantes eram aguardados por toda a Câmara, com o seu ilustre Presidente à frente, assim como toda a Comissão de Turismo e ainda o escritor Francisco Costa, director da Biblioteca, instalada naquele Palácio.

A Câmara de Sintra e a sua Comissão de Turismo deram provas de saberem receber e saberem «fazer» para «dar» turismo. Por muitas razões é Sintra justamente das terras Portuguesas uma daquelas, senão a única, onde turismo é coisa a sério, com cabeça, tronco e membros, de molde a fazer inveja a tantos amadores dessa arte que pululam por este país fora.

Sintra é terra sempre maravilhosa, de sonho, de riqueza histórica e encantos sem fim, que não necessita de propaganda para ter valor. Mas Sintra, como qualquer outra coisa grandiosa, precisa de se fazer conhecida, de ser estimada, de se tornar desejada. E pode garantir-se que com recepções como esta que foi dada a todos os elementos deste encontro, Sintra está no melhor caminho, dando provas de que quer e de que sabe. Muito obrigado, Sintra! Parabéns, Câmara e Turismo, pelo que têm e porque tão bem sabem receber, valorizando-o!

Finalmente, cerca das 19 horas, foi a vez da visita à Feira Internacional de Lisboa, com a simpatia cativante do seu ilustre comissário, Dr. Mário Neves, homem de acção, jornalista experiente e consagrado, que sabe bem tudo o que faz. No auditório da feira foi oferecido a todos os participantes um jantar volante, a que não faltaram nem qualidade nem serviço. Falaram o Dr. Oliveira Charrua, do «Ribamar», nosso querido amigo de há muitos anos, com o «Ecos de Belém» organizador deste interessante e inesquecível encontro — para «O Calipolense» o primeiro —, o Dr. Mário Neves, o Cónego Dr. José Galamba de Oliveira, presidente do Conselho Geral e da Assembleia Geral do Grémio da Imprensa Não-Diária, e Gabriel Jaleco, director deste jornal, o mais jovem jornal participante.

Rima e... é verdade!

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

As senhoras lamentam-se, coitadas, aflitas e chorosas...
Por mais que limpem, elas e as criadas, as casas continuam vergonhosas.
Põem capachos p'ra evitar a lama, mas o pó nada poupa, cai no chão, cai nos móveis, cai na cama e engrossa, até, a sopa!

Custa o menor ramal quase «dois quilos»: — uma «Dona Maria», um «D. João II», dois «Camilos» e uma «Rainha Santa»! Mais valia pôr a colecção toda, já agora, pois não percebo bem por que demónio, quem fez as contas quis deixar de fora o nosso «Santo António».

Terra com fidalguia, com nobreza, com pergaminhos que, orgulhosa, ostenta, olha a escavadora, com tristeza, enquanto o velho esgoto ela rebenta... E nós, contemporâneos infelizes, deste trabalho urgente, útil e prático, sentimos, nos narizes, um cheiro muito pouco aristocrático!

«Q»

Compahnia de Seguros TAGUS

Agente: ANTÓNIO CARRASCO
Pr. da República, 32 - VILA VIÇOSA
Telefones:
221 (Escritório) - 275 (Residência)

FESTEJOS

Realizaram-se nos passados dias 17 e 18 as Festas da Santíssima Trindade na freguesia de S. Domingos de Ana Loura, deste concelho.

Estas festas, que depois dum interregno de 22 anos, voltaram a realizar-se desde o ano passado, apresentaram-se este ano com um programa arrojado, que a risonha freguesia bem mereceu.

No 1.º dia, e após a habitual alvorada com morteiros, teve lugar a bênção dos gados, na qual se fizeram representar exemplares da melhor lavoura alentejana. Pelas 11.30 horas, houve missa solene, seguida de procissão, sendo orador o Rev. Carmo Martins. Na parte da tarde tivemos ocasião de assistir a uma tourada à vara larga, na qual foram postas à prova as qualidades taumáquicas da juventude local. Lidaram-se 6 vacas de Sebastião Correia, de Vila Viçosa, das quais foram pegadas quatro, tendo sido atribuídos valiosos prémios aos pegadores. No final e já no recinto da festa procedeu-se à arrematação de fogaças especialmente confeccionadas para os festejos, assim como do pendo da Santíssima Trindade.

gar um grandioso arraial com dan-
A noite, pelas 22 horas, teve lugar
cing abrihantado pelo conjunto
«Maryling», de Estremoz, sendo
queimado no final um valioso fogó
de artifício. No dia seguinte houve
lugar a vários divertimentos acom-
panhados pela Banda Filarmónica
Lusitana, de Estremoz.

Resta-nos um agradecimento à
Comissão das Festas, em especial
aos srs. Joaquim Martins, Joaquim
Guerra, Joaquim Queijinho, José
Ramalho, José Canholas e Amílcar
Russo, pelo convite que amavelmente
nos foi dirigido para assistirmos
aos festejos, e fazemos votos p-
que no próximo ano se possam rea-
lizar ainda com maior brilhantismo.

LICEU

É com grande alegria que regis-
tamos nestas columnas a elevação à
categoria de Liceu Nacional da ac-
tual secção liceal de Estremoz, por
despacho recente do Ministério res-
pectivo. Dada a importância de que
se reveste tal melhoramento, con-
tamos apresentar num dos próximos
números reportagem mais completa.
Por agora agradecemos a todos
quantos no M. E. N. ou junto dele

proporcionaram tal benefício.

Ao dr. Manuel Patrício, nosso es-
timado amigo, uma palavra de
agradecimento pelo seu trabalho co-
mo vice-reitor, e que embora há
pouco tempo entre nós já conseguiu
fazer muito em prol do futuro li-
ceu.

Sabemos entretanto que irá ser
construído junto do Liceu um Pa-
vilhão Gimno-desportivo, cuja falta
se vinha fazendo sentir dado o incre-
mento que nos últimos anos a cida-
de tem sofrido, tanto no campo da
educação como no do desporto.

Encerramento de um curso de formação familiar rural na casa do Povo de Pavia

Encerrou-se, no passado dia 16,
mais um Curso de Formação Fam-
liar Rural, na Casa do Povo de Pa-
via, a juntar muitos outros já rea-
lizados neste distrito.

Assistiram ao acto, os Delegados
e Subdelegados do I. N. T. P. em
Évora, respectivamente, srs. drs.
Manuel Inácio Cabral e Santos Al-
meida; o presidente da Direcção da
Casa do Povo de Pavia, sr. Mexia
de Almeida; o presidente da Direc-
ção da Federação das Casas do Po-
vo do Distrito, sr. José Sebastião Ca-
poulas; o chefe da Missão da Jun-
ta da Acção Social, sr. dr. Luís Fer-
nandes; um representante da Co-
missão local da A. N. P., o pároco
da freguesia e muitas outras indi-
vidualidades locais.

A cerimónia, embora simples, foi
muito significativa, iniciando-se com
uma visita aos trabalhos realizados
que se encontravam expostos por
várias salas da moderna e funcional
Casa do Povo recentemente cons-
truída.

Seguiu-se uma sessão, no decurso
da qual uma aluna pôs em relevo
as vantagens de ter frequentado o
curso e os ensinamentos dele ex-
traídos que serão o início de uma no-
va maneira de encarar certos aspec-
tos da vida e que, até ali, lhe tinham
sido completamente alheios.

Falou, também, a orientadora do
Curso sr.ª D. Elizabete Mourão da
Silva, seguindo-se, no uso da pala-
vra, o sr. Mexia de Almeida, presi-
dente da Direcção daquela Casa do
Povo e, a finalizar, o sr. dr. Manuel
Inácio Cabral, Delegado do I. N. T.
P. em Évora, que num magnífico
improviso teceu considerações sobre
as benefícios do Curso e das vanta-
gens dele advindas para as popula-
ções rurais que os nossos Governan-
tes querem cada vez mais dignifica-
das.

No final foi servido um copo-de-
água confeccionado pelas alunas
participantes que decorreu em am-
biente de viva animação.

Do nosso correspondente Francisco Quinteiro

BREVES PALAVRAS

Ao iniciar a minha colaboração
para «O Calipolense», desejo, antes
de tudo, expressar o meu júbilo pe-
lo nascimento de mais um jornal
regional, que defenderá os interesses
desta região transtagana constitui-
da pelo concelho de Vila Viçosa e li-
mitrofes.

Ao solicitarem da minha modesta
pessoa para aceitar o cargo de cor-
respondente do «nosso» jornal em
Redondo, não podia dizer que não,
porque muito me prende a Vila Vi-
çosa, e deste modo, não poderia
deixar de ajudar com a minha co-
laboração a tornar «O Calipolense»,
um jornal cada vez melhor e mais
rico.

Auguro para «O Calipolense» lon-
ga e próspera vida e para o seu Di-
rector a perseverança necessária pa-
ra vencer as dificuldades que sur-
gem a cada passo na vida de um
jornal.

SABER, NÃO FAZ MAL...

Redondo é uma vila, sede de con-
celho, que dista de Vila Viçosa cer-
ca de 20 quilómetros.

Segundo a tradição, parece que o
nome desta vila teve origem num
grande penedo redondo que existiria
onde hoje é a igreja da Misericór-

dia. Como o penedo era redondo, Re-
dondo se chama este núcleo popula-
cional que se desenvolveu à sua volta.

NOTICIÁRIO

Continuam nesta vila de Redondo
as festas em honra dos Santos Po-
pulares, organizadas a favor da
Cantina Escolar.

No dia 23, e hoje, dia 30 haverá
arraial com bazar, marcha infan-
til e bailes abrihantados pelo con-
junto redondense «Paraíso».

oOo

No passado dia 21 deslocou-se
esta vila a equipa do Sport Lisboa
e Saudade, composta por antigos jo-
gadores benfiquistas que defrontou,
em jogo amigável, a valorosa turma
da Casa do Povo de Redondo.



**BUTAGAZ
PROPAGAZ**

TIBÉRIO RAMOS
Telefone 188 — VILA VIÇOSA

Encerramento do 1.º curso de aperfeiçoamento de profissionais da Indústria de Panificação

Sob a presidência do sr. dr. Ma-
nuel Inácio Cabral, Delegado do
Instituto Nacional do Trabalho e
Previdência no Distrito de Évora,
realizou-se no passado dia 22, nas
instalações de «A Panificadora Cen-
tral Eboresense, Lda.», a cerimónia de
encerramento do 1.º curso de aper-
feiçoamento de profissionais da in-
dústria de panificação, realizado pe-
la Escola de Panificação de Lisboa
(integrada no Fundo de Desenvöl-
vimento da Mão da Obra), de co-
laboração com o Grémio dos Indus-
triais de Panificação de Évora.

Ao acto, no final do qual foram
distribuídos 17 diplomas de aprovei-
tamento, estiveram presentes tam-
bém o eng. Albano Salles de Mattos
Fernandes, delegado do Instituto
dos Cereais, Gabriel Jaleco, presi-
dente da Direcção daquele Grémio,
Fernando Trindade, presidente do
Conselho de Administração da Es-
cola, Tomé Tavares Dinis e José
Correia, respectivamente presiden-
te e secretário da direcção do Gré-
mio de Lisboa, Manuel Mora, pre-
sidente da direcção do Sindicato dos
Profissionais da Panificação do Sul,
Rogério Carreteiro e Victor Guel-
fão, da Direcção do Grémio de Évo-
ra, e Manuel Romão, da Administra-
ção da APCEL.

Abriu a sessão o presidente do
Grémio de Évora, tendo falado em
seguida o presidente do Conselho de
Administração da Escola, que re-

presentava também o Fundo de De-
senvolvimento da Mão de Obra, e
um dos alunos, encerrando a sessão,
após a entrega de diplomas, o dele-
gado do I. N. T. P., dr. Manuel Iná-
cio Cabral.

Foi o primeiro curso desde sem-
pre realizado na área do Grémio de
Évora, sendo curioso verificar o ele-
vado número de inscrições e de alu-
nos que completaram o curso com
aproveitamento, sacrificando, ao
longo de 35 dias úteis, os seus mo-
mentos livres, com vista apenas à
desejada melhoria das suas capaci-
dades de trabalho.

Foram monitores os srs. Barrera
e Nunes, da Escola de Panificação
de Lisboa, que, no final, tiveram a
surpresa de receber de todos os alu-
nos uma inesperada lembrança, que
muito os sensibilizou, assim como
a todos os presentes, que ficaram
encantados com este gesto simples
dos trabalhadores e alunos agrade-
cidos.

Deseja-se que o Fundo de Desen-
volvimento da Mão de Obra, atra-
vés da Escola, com a colaboração
amiga do Grémio de Lisboa, conti-
nuem a possibilitar ao Grémio de
Évora a realização de mais cursos
desta natureza, com vista a conse-
guir-se, dia após dia, uma maior
valorização profissional dos tra-
balhadores que fazem o pão nosso de
cada dia.

A PREVENÇÃO RODOVIA- RIA PORTUGUESA

LEMBRA QUE...

... deverá sempre condu-
zir a uma velocidade que
esteja de acordo com as
suas condições físicas, com
o estado da estrada e do
veículo, com a intensidade
do tráfego e respeitando
os limites fixados.

A Comercial do Alentejo, Lda.

VILA VIÇOSA - Tel. 17 - Apartado 7

Adubos — Farinhas para gados — Gás-Mobil
Pneus MABOR — Tintas Robbialac — Tabacos
Papeleria — Livraria — Artigos Fotográficos
Gasolina — Óleos — Acessórios para Indústria
Seguros

Tibério Ramos

VILA VIÇOSA

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES — PRODUTOS QUÍMICOS
— MAQUINAS DE ESCRIVER — CALCULADORAS E SOMADO-
RAS — SEGUROS — PAPELARIA — ARTIGOS DE ESCRITÓRIO
— JORNAIS — LOTARIAS

Clube Desportivo de Vila Viçosa Movimento de 10 a 16 de Junho de 1973

Transporte do dia anterior, 28 770\$; Dário R. Piteira, 50\$00; José Luís F. Rosa, 100\$00; Tomaz dos Santos (Caldas da Rainha), 50\$00; Dr. Manuel Francisco Ferreira (Santarém), 50\$00; Joaquim Rosado Anão, 200\$; Francisco José Batanete, 100\$00; Mancebos de 1973 (Rifas), 675\$00; Joaquim S. Parda (oimra), 20\$00; António Garção Silva, 100\$00; Anónimo, 100\$00; Castro & Irmão, 50\$; João António Carvão, 20\$00; Onofre Pires Lapão, 50\$00; Gabriel G.

Osório de Barros, 100\$00; Joaquim C. Esteves, 50\$00; José António Serador, 20\$00; João A. Martins Guedes, 100\$00; Orlando José Bilro, 50\$00; Luís F. Cordeiro Nunes, 100\$; João António Cravo, 100\$00; Dr. Joaquim S. Torrinhã, 500\$00; Sócios do Calipolense, 400\$00; Armando Rosa Knopff, 100\$00; Dr. José Henriques Simões, 100\$00; Sócios do Calipolense, 350\$00; Joaquim Vicente Saúde, 100\$00; Eng. Octávio R. Martins, 100\$00; Domingos Silva Frade, 200\$00; Anónimo, 100\$00; Filipe António Correia, 20\$00; Venâncio Silva Ferreira, 100\$00; Victorino C. Gonçalves, 20\$00; Venâncio Fitas Nunes, 50\$00; Victoriano Nunes Azeitão, 20\$00; Joaquim C. Barreiros, 100\$00; Guilherme A. J. Vicente, 100\$00; António J. Calado Peixoto (Pardais), 100\$00; Luís Rosa, 100\$00; Banco Português do Atlântico (Borba), 1.000\$00.

A transportar para o dia seguinte, 34.415\$00.

Nota: Esta importância encontra-se depositada na Caixa Geral de Depósitos.

Casa do Alentejo Conferência

Integrada nas Comemorações do Cinquentenário da «Casa do Alentejo», as quais se vieram realizando desde Janeiro do corrente ano, terminaram no passado dia 26 do corrente, com uma conferência proferida pelo ilustre alentejano e membro da Comissão de Honra das Comemorações do Cinquentenário da nossa Casa — o Professor Catedrático sr. Dr. Hernâni Cidade, que versou o tema «Olivença».

A conferência que foi pública, teve lugar no vasto salão nobre da Casa do Alentejo, às Portas de Santo Antão n.º 58, com início às 21.30 horas.

Festa do Sagrado Coração de Jesus e Preciosíssimo sangue

No domingo, dia 17, na Igreja de São Bartolomeu celebraram-se juntamente as festas do Sagrado Coração de Jesus e do Preciosíssimo Sangue.

Missa concelebrada pelos Padres da Congregação, Dr. José Cardoso Bairrada e Dr. José Luís Ferreira

Francisco e Padres do Seminário de S. José, o Reitor Cônego Luís Martins Adriano e os Padres, Donaciano Marques Afonso e António da Silva Baltazar.

A homília foi feita pelo Senhor Cônego Luís Adriano, foi do maior interesse espiritual. Lembrou o trabalho dos missionários da Congregação, falou da Junção das duas festas litúrgicas; Coração de Jesus, União do Mundo, Sangue de Jesus, Salvação do Mundo. E apresentou a Igreja como infinita pelo seu valor divino, composta de Homens finitos que não conseguem abranger o extraordinário mistério da Santíssima Trindade.

Durante a Missa Coral do nosso Seminário, sob a regência do Padre António Serra, deliciou os presentes.

Vozes de anjos de uma harmonia fantástica que nos elevam a Deus.

Desde as 12 horas até às 18 horas, esteve exposto o Santíssimo Sacramento, muitas foram as pessoas que acompanharam o Senhor durante essas horas.

Vila Viçosa continua a viver em espírito de fé e de oração os actos de culto realizados na sua Igreja.

ZE BILRO

Fernando Luís Morais, Tesoureiro da Fazenda Pública do concelho (ou bairro fiscal) de Vila Viçosa:

Faz saber que no próximo mês de Julho se encontra aberto o cofre para pagamento das seguintes contribuições e impostos:

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL DO GRUPO A (liquidação provisória), 1972; IMPOSTO PROFISSIONAL, 1972; CONTRIBUIÇÃO PRE-DIAL (liquidação definitiva), 1972; IMPOSTO MINEIRO, 1972.

Contribuição Industrial, Grupo A (liquidação provisória).

A contribuição industrial deverá ser paga na sua totalidade em Julho se o seu montante não exceder 200\$ e em duas prestações iguais, com vencimento em Julho e Outubro, se exceder essa importância.

Não sendo paga qualquer das prestações, ou a totalidade de contribuição, no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente JUROS DE MORA.

Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição ou de qualquer das suas prestações sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo com arrecadação da totalidade do imposto, considerando-se vencida a prestação ainda não paga.

Contribuição Predial

Liquidada adicionalmente, nos termos do § 1.º do artigo 226.º, será cobrada por uma só vez, durante o mês de Julho.

Liquidada nos termos do § 2.º do artigo 226.º, será paga em duas prestações iguais, com vencimento, respectivamente, em Julho e Outubro.

Não poderão as prestações ser inferiores a 100\$00, devendo as colectas até 200\$00 ser pagas por uma só vez no mês de Julho.

Não sendo paga qualquer das prestações ou a totalidade da contribuição no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente JUROS DE MORA.

Passados sessenta dias sobre o vencimento da contribuição ou sobre o da última de duas prestações sucessivas sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo para a arrecadação da totalidade do imposto, considerando-se para o efeito vencidas as prestações ainda não pagas.

Impostos Profissional e Mineiro

O imposto deverá ser pago durante o mês de Julho.

Não sendo pago o imposto no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

Passados sessenta dias sobre o vencimento do imposto, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

Para constar se lavrou o presente e idênticos, que vão ser afixados na Tesouraria da Fazenda Pública, na Repartição de Finanças e divulgado através da Imprensa.

Tesouraria da Fazenda Pública do Concelho de Vila Viçosa, 16 de Junho de 1973.

O Tesoureiro,
Fernando Luís Morais

Trespasa-se

Loja de mercearia, roupa, louças, vidros, etc.. Bem situada e bem afreguesada.

Francisco Costelas Lourinho
Rua de Santo António, 51, Vila Viçosa.

B. M.

(CONTINUADO DA ÚLT. PÁG.)

cho; 5.º — António Mocho; 6.º — António Mocho; 7.º — Garção da Silva; 8.º — João Bilro; 9.º — António Mocho; 10.º — António Mocho.

O primeiro classificado nesta prova de fundo, pombo de Mário Ameixa, mostrou mais uma vez a sua extraordinária classe de fundista. Pois que continue.

Houve ainda uma outra solta no dia 10, em Vila Franca das Naves (III), que por lapso não demos informação. Apresentamos-vos as classificações:

1.º — Garção da Silva; 2.º — Frade & Saramago; 3.º — Joaquim R. Cravo; 4.º — Garção da Silva; 5.º — Inácio Cisneiros; 6.º — José Mestre; 7.º — Garção da Silva; 8.º — Apeles Coelho; 9.º — António Mocho; 10.º — Dr. Teotónio.

Tratando-se de uma prova de velocidade, em que é especialista Garção da Silva, o classificado em primeiro lugar só poderia ser um pombo pertencente a este excelente colúmbófilo.

Apraz-nos registar, entre estes 10 primeiros, o sr. dr. Teotónio. Oxalá signifique o regresso aos velhos tempos em que os seus pombos venciam em quase todas as frentes.

No próximo concurso a solta será de Barcelos (II), 329 Km, contando ele para o campeonato distrital.

PARQUE OU PISTA DE CICLISMO?

Foi há pouco mais de uma dezena de anos que os serviços Municipais, com muito boa vontade e alguns sacrifícios, determinaram fazer de uma parte da Mata um Parque Infantil.

Prosseguindo nessa feliz iniciativa, de vez enquanto é o Parque enriquecido com outros melhoramentos, tornando-o assim mais aliciante para a peti-

zada que indo dos baloiços para o escorrega distrai o espírito e fortalece o corpo.

Ao elaborar-se o projecto que o antecedeu, naturalmente procurou-se dar às crianças um recanto na Vila que fosse exclusivamente delas e para elas, onde pudessem brincar totalmente livres dos muitos e variados perigos a que estão expostas noutros lugares. Todavia, depois de observarmos o constante vai e vem das bicicletas (raramente tripuladas por crianças) e até mesmo de algumas motorizadas, e tendo-se ainda uma pessoa amiga, mãe de um pequenito de ano e meio, queixado da anomalia causa das suas apreensões, (que são igualmente de muitas mães) porquanto receia que descuidando-se um minuto que seja com o filho e não podendo ele estar quieto, lhe suceda ser atropelado talvez com tristes consequências, por um dos muitos que diariamente com as suas bicicletas e motorizadas, julgando-se em terra deles ou de ninguém, fazem do Parque Municipal (Mata) pista de ciclismo. Reparámos que afinal ali estão igualmente sujeitas a acontecimentos desagradáveis.

Não sendo possível (não eventuamos a hipótese pelo que de improvável e dispendiosa a encontramos) vedar o recanto do Parque Municipal dedicado às crianças, então que seja ao menos, apenas isso, vedado ao trânsito de velocípedes. Julgamos que o estará, porque já diversas vezes observámos o encarregado do Parque repreender (só isso) os transgressores. Infelizmente raramente lhe obedecem, como também nem sempre ali se encontra de serviço.

As crianças, na sua descuidada inocência, carecem o mais possível dos nossos cuidados. Não se permita, pois, que uns inconscientes as façam perigar.

Chamamos a atenção de quem de direito para o assunto e ficamos pedindo para que se acíue rigorosamente, punindo os transgressores.

Dia de Santo António

O Bairro de Santo António não apresentou este ano o seu ar festivo. Porquê?

As ruas estreitas e simples, que nos levam à Igreja do Santo mais popular da nossa Terra, estavam nuas dos seus enfeites de papel colorido que as tornavam tão lindas e garridas.

Saturação? Aborrecimentos? Foi pena!

Não sentirão hoje, os seus moradores a mágoa de as não terem enfeitado? De não terem continuado o que prometia ser de ano para ano, cada vez melhor e mais artístico?

Santo António e Vila Viçosa pedem-vos que continuéis.

Somente houve da sua Igrejinha, (onde o belo trabalho da rica talha dourada está em perigo de se perder, e onde os azulejos brilham na riqueza das suas cores) preparação para a festa nos dias 11 e 12. No dia 13 às 10 horas Missa e às 21 horas terço.

Tanto na homília da Missa como na pregação da noite o Reverendo Dr. José Cardoso Bairrada, falou sobre a vida de Santo António, Santo de Portugal, a quem os italianos na sua cidade de Pádua, veneram como se deles fosse!

C. GRILO

ESTAFETA
ENTRE VILA VIÇOSA — LISBOA E VICE-VERSA
SEVIÇO DIÁRIO

(também vai aos sábados)
Rua dos Douradores, 17 e 19
Telef. 325019 — LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL
DA
COMARCA
DE VILA VIÇOSA

ANUNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

No dia 26 de Julho próximo, pelas 11 horas, à porta do tribunal de Vila Viçosa, na carta precatória n.º 100/73 pendente nesta Secretaria Judicial, vinda do Tribunal de Estremoz e extraída da execução por custas n.º 397-A/71 que o M.º P.º move ao executado Damauri Manuel Gonçalves, ausente em parte incerta, hão-de ser postas em praça, pela 1.ª vez, para serem arrematadas a o maior lance oferecido acima dos valores indicados no processo, diversas alfaias agrícolas.

Vila Viçosa, 22 de Junho de 1973

O Juiz de Direito:
J. Figueirinhas

O Chefe da Secretaria:
Arlindo Duque

DESPORTOS

FUTEBOL DE SALÃO

Com organização do «CALIPOLENSE» — Clube Desportivo de Vila Viçosa, vai realizar-se no próximo mês de JULHO um torneio de futebol de salão, no «Ténis Clube», que abrangerá quatro categorias. São elas: Infantis, Juvenis, Juniores e Seniores.

As inscrições estão abertas na sede do Clube.

PESCA DESPORTIVA

No pretérito Domingo, dia 17 de Junho, realizou-se na Albufeira de

Borba o 8.º Almoço Piscatório, que reuniu 198 adeptos da modalidade. Presentes 4 desportistas calipolenses: José Maria do Céu, João Francisco Abegoaria, João Trindade Cordeiro e Fernando Libório, o 1.º dos quais obteve o 24.º lugar com 17 peixes apanhados.

Parabéns à organização pela iniciativa, merecedora de todos os elogios e aos concorrentes Calipolenses, especialmente ao José do Céu pelo lugar alcançado.

Vila Viçosa, terra inspiradora e criadora de artistas

(CONTINUADO DA PÁGINA UM)

tugueses, romanos e árabes, que ainda hoje se conservam, não faz a menor referência a tal denominação.

Seja como for, Vila Viçosa encontrou o nome na amenidade do sítio e isto tem sido geralmente reconhecido pelos poetas e escritores que a cantaram e descreveram em todos os tempos.

Já no século XVI, André de Rezende, tendo de referir-se a Vila Viçosa, no seu livro, escrito em latim, «ANTIGUIDADES DA LUSITANIA», a designou por Calipole, substantivo grego que significa vila formosa e verdejante; e foi depois da divulgação deste neologismo que os naturais desta vila passaram a ser conhecidos por calipolenses, que o mesmo é dizer: filhos de uma vila linda, bela, viçosa.

Também Francisco Rodrigues Lobo, mestre dos poetas bucólicos seicentistas, que aqui viu «mais fermoso o sol e mais claro o dia», a classificou de «ditosa» e «por campos, nome e árvores viçosas».

«Retrato do Paraíso lhe chamou o calipolense Fr. Manuel Calado, autor do «Valeroso Lucideno»; e o cronista pontifício que acompanhou o Cardeal Alexandrino, legado do Papa Pio V, na sua viagem a Portugal em 1571, escreveu que a esta vila correspondia bem o nome que lhe davam, porque tanto dentro como fora estava cheia de vinhas, olivados e pomares.

Nos tempos modernos são imensos os depoimentos que exaltam os encantos naturais de Vila Viçosa.

O grande e austero Alexandre Herculano chamou-lhe «um horto de flores»; mas não farei mais citações, lembrando apenas as seguintes palavras do Dr. Augusto de Castro, consagrado jornalista e escritor há pouco falecido:

«Vila Viçosa oferece a quem a visita todo esse cenário, claro e empolgante, que constitui uma das mais repousantes e luminosas águas-que a Natureza e a História, numa aliança única de grandeza e lirismo, podem oferecer a olhos humanos».

Não admira, assim, que esta nobre vila, sede da Casa de Bragança e Solar da Padroeira de Portugal, se convertesse numa terra inspiradora e criadora de artistas e, simultaneamente, em centro notável de irradiação cultural, cuja tradição e prestígio felizmente se mantém.

Enriquecida no decurso dos séculos pelo seu monumental conjunto urbanístico, o interesse estético desta vila emparelha com as belezas naturais e com a excepcional grandeza histórica de que pode orgulhar-se.

Poetas célebres a cantaram, vindos de perto ou de longe, de Portugal ou do estrangeiro, e poetas, entre os grandes da nossa literatura, aqui nasceram ou residiram.

Dos primeiros, importa mencionar o insigne Lope de Vega, glória das letras de Espanha, que, visitando o Duque D. Teodózio II, se enamorou da paisagem calipolense, compondo um poema sobre a Tapada Ducal, em oitava rima, no estilo da época.

E Francisco Rodrigues Lobo, de que já falámos, deixando as margens do seu formoso Liz, em Vila Viçosa encontrou inspiração para a Ecloga IX e para o poema épico «O Condestabre de Portugal», fonte e estímulo de energias patrióticas na «apagada e vil tristesa» a que nos sujeitara Alcaicer-Kibir.

Entre os poetas naturais de Vila Viçosa ou aqui residentes, um houve que foi rival de Camões, Pedro de Andrade Caminha, com larga audiência palaciana nas Cortes do Duque de Bragança e do Paço Real de Lisboa.

Quase na mesma época, nasceu e viveu em Vila Viçosa Púbia Hortência de Castro, a «Hortência Lusitana», como lhe chamou a notável Professora de Coimbra, Carolina Michaelis de Vasconcelos — poetisa clássica e erudita, companheira das irmãs Sigeas e de Paula Vicência, na selecta academia instituída pela Infanta D. Maria, no Paço Real de Évora.

Vila Viçosa era então uma das povoações mais importantes do Reino, manifestando os fulgores da Renascença na opulência dos seus Paços, nas suas instituições de cultura e desenvolvimento das artes.

Só na Universidade de Coimbra existiram, nessa época, nove lentes, todos calipolenses de nascimento, dois doutores em cânones, três lentes de teologia, três de medicina e um de Direito.

As «Alegações» apresentadas por D. Catarina e seu marido o Duque de Bragança, no famoso pleito da Sucessão da Coroa, por morte do Cardeal D. Henrique, foram elabo-

radas por dois calipolenses, o licenciado Afonso de Lucena e o Dr. Félix Teixeira, ambos residentes em Vila Viçosa; e este importante documento, que se encontra no arquivo de Simancas, em Espanha, tem sido justamente considerado, por historiadores e juristas, como «trabalho jurídico do mais alto valor e verdadeiro manifesto da liberdade de Portugal».

Como se não lhe bastasse o lúcido escol da própria Corte, muitas celebridades vinham acolher-se à hospitalidade bizarra dos duques, tão caros de homens de espíritos, como escreveu o Dr. Ricardo Jorge, na sua esplêndida monografia sobre Rodrigues Lobo.

O Solar da Casa de Bragança era um alfofre de poetas, de homens de ciência e de artistas, atraídos pela magnificência da segunda corte da Península.

Francisco de Moraes Sardinha, poeta calipolense, compôs então o «Parnaso de Vila Viçosa», precioso manuscrito que se encontra na Sec-

ção de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa. Aí figuram muitas poesias dedicadas à nossa terra, suas belezas naturais e formosas damas por um notável conjunto de poetas que transformaram esta vila em segundo Parnaso, como o da antiga Grécia...

Sede do padroado eclesiástico que abrangia as Colegiadas de Vila Viçosa, Barcelos e Ourém, a primeira destas vilas mostrava-se, ao mesmo tempo, como um dos principais centros religiosos do País, cujos numerosos conventos constituíam importantes focos de cultura, sempre protegidos pela munificência brigantina.

Foi assim que no Mosteiro dos Agostinhos instituiu D. Teodózio I, em 1560, o Colégio das Artes, onde se ensinava português, latim, grego e retórica e que, segundo o plano do fundador, devia transformar-se numa Universidade.

Também a Capela Ducal, isenta da jurisdição do Ordinário de Évora por bula de Clemente VIII, se revestia de pompas excepcionais, ten-

do ao seu serviço um deão, um tesoureiro-mor, dezasseis capelães, moços de coro e muitos cantores e músicos.

Para uso próprio desta Capela, fundou o Duque D. Teodózio II o «Colégio dos Moços do Coro», que depois passou a ser o célebre Colégio dos Reis, uma das primeiras escolas de música de Portugal, com músicos célebres como Fr. José Marques de Santa Rita, António Vieira, Joaquim dos Reis, João Lourenço Rebelo e onde se notabilizou o próprio Duque D. João, depois Rei D. João IV, cujas composições, como «Crux Fidelis» e «Adjuva nos Deus», são ainda internacionalmente divulgadas, o mesmo sucedendo com o seu livro de teórico da arte musical «Defensa de la Musica Moderna».

Com tão ricas tradições artísticas e históricas, Vila Viçosa tinha de manter o seu prestígio, através dos tempos, no Mundo da Cultura e da Arte. Não cabe em pequeno artigo de jornal o muito que sobre o assunto se pode escrever, mas quero assinalar ainda a obra notabilíssima do arquitecto José Francisco de Abreu, em meados do século XVIII, que, a par dos grandes obreiros da reconstrução de Lisboa, após o Terramoto, e da edificação monumental do Convento de Mafra, deixou em Vila Viçosa, na arquitectura e escultura civil e religiosa, alguns dos mais ricos exemplares (o pórtico da Igreja da Lapa, por exemplo) do património artístico português desse século.

A doença e morte de Bonifácio Faria deixaram incompletos os seus estudos, acompanhados, de perto, com muito interesse, pelo seu amigo e Mestre Professor Carlos Ramos, também já falecido; mas, mesmo assim, os elementos que ficaram ainda nos permitirão fazer a «descoberta» da Escola do Barroco de Vila Viçosa, até hoje sem menção condigna nos guias turísticos e inventários artísticos existentes.

Deixei para o fim a referência a três grandes artistas contemporâneos, naturais de Vila Viçosa: Henrique Pousão, José Rosa e Florbela Espanca.

O primeiro, falecido em 20 de Março de 1884, depois de ter aperfeiçoado os seus estudos em França e Itália, foi o pintor mais representativo da escola impressionista em Portugal e deixou uma preciosa colecção de quadros, embora a morte o levasse quase no início da sua brilhante carreira. Dele se orgulha justamente a cidade do Porto como um dos mais notáveis artistas que se formaram na sua Escola de Belas Artes e enriqueceram seus museus.

O cantor José Rosa, meu querido amigo (que saudades, ao evocar este nome!) foi um dos cantores de ópera mais aplaudidos em Lisboa, que tanto lhe quis. Com voz rara e maravilhosa, destinado a arrebatá-lo multidões, «nuevo astro da arte lírica», como lhe chamou o grande tenor espanhol Hipólito Lázaro, apagou-se pela doença e morreu em Itália, quando amigos e admiradores tanto esperavam da sua voz, do seu talento e da sua fé de persistente lutador.

Finalmente, o terceiro artista, Florbela Espanca, também levada pela morte em plena mocidade, foi dádiva de Deus a Vila Viçosa para coroar, na nossa época, a maior altura, a esplendorosa teoria dos seus poetas e artistas. Fecho este artigo com o seu nome: Florbela! Aquela que, à semelhança das nossas árvores ressequidas, andava, como elas, «morta de sede», pedindo a Deus a sua «gota de água»...

José Emílio Amaro

A Caça

(CONTINUADO DA ÚLT. PAG.)

cias como os acusam (e aqui considero-os como outro caçador qualquer que mata o maior número possível de peças em cada surtida, mau grado a elevada frequência com que o fazem, mas do mesmo modo procedem outros que não são «profissionais»), está prevista na lei a sua existência quando nas bases IX e X da Lei n.º 2132 de 26/5/67 e nos artigos 45.º e 46.º do Decreto 47847 de 14/8/67 se fala no exercício da caça com fim lucrativo.

Quase sempre destros caçadores, exímios na arte da perseguição e apressamento das espécies é indiscutível que só vendem aquelas que conseguem apanhar e, «cá fora», a escassez é tão elevada que a arte das apressar não é compensada de modo nenhum pelo preço.

Há porém preços que parecem mais compensadores. Aqueles que se obtêm pela venda da caça em liberdade, sem para isso ser necessário a utilização de qualquer destreza ou arte.

Este facto faz suscitar uma pergunta que se apresenta facilmente a qualquer espírito: — a quem pertence a caça em estado de liberdade natural? Só em liberdade natural se pode considerar caça à face da lei e só depois da sua apreensão parece poder ser pertença do homem — caçador.

A resposta aquela pergunta parece ser então que a caça em estado de liberdade natural é de todos e não é de ninguém, sendo difícil aceitar, neste estado, a sua transacção. É que aqui poderia surgir outra pergunta de difícil resposta: Como é que alguns poderão vender uma coisa que é de todos e arrecadar o produto da venda? É que, o Decreto acima citado no seu artigo 111.º é bastante claro quando diz que poderão ser constituídas coutadas ou coutos de caça para protecção e fomento das espécies cinegéticas; Só que esta intenção é em muitos casos desvirtuada, como é esquecido o próprio repovoamento cinegético também previsto na lei.

O que vai proliferando a ritmo acelerado de crescimento são os terrenos murados ou vedados, valados, aramados e cercados de rede, etc. onde o caçador comum não pode caçar.

Há dias ouvi uma conversa em que se comentava o facto de os grandes lavradores alentejanos se

terem divorciado das lides agrícolas, para se consorciar com uma actividade mais rendosa, menos trabalhosa e sem riscos, que tem apenas um único e importante acto anual de administração: combinar o preço com o comprador da caça da sua coutada ou do seu aramado. Nem tão pouco precisam preocupar-se com a alimentação dos animais que vendem, pois as suas terras estarão doravante daninhas e improdutivas, onde já não existirão maus anos agrícolas, porque a caça, pela calada da noite, irá sorrateira comer a seara do vizinho que por sua vez só esporadicamente poderá provar uma perninha daqueles animais que alimenta.

Dizem que fica mais barato comprar o trigo à América do que produzi-lo nas nossas terras, mas já agora gostaria de saber o que se passaria com a renovação em forma da «Lei das Sesmarias».

Não se estará a dar importância demais à caça nos seus aspectos económicos em detrimento da actividade agrícola onde até se pode «produzir» alguma coisa?

Não é que seja contra as couta-

das de caça, mas simplesmente porque as entendo, como a lei as contempla, para *protecção e fomento das espécies*. Ora não me parece que possa haver protecção ou fomento enquanto:

1 — A maior parte das coutadas exista simplesmente para fins lucrativos;

2 — Sejam nelas permitidas formas de apreensão que originam grandes matanças;

3 — Seja permitido o aumento desmesurado do número dos vedados ou aramados para os fins citados no n.º 1.

Claro que existe para o problema a velha solução de reservas em sistema rotativo em terrenos cujos proprietários receberiam a devida indemnização durante o tempo de ocupação das suas terras. Isto, para além das reservas que o Estado quisesse instituir em terrenos próprios e para os fins julgados convenientes.

De qualquer forma, uma solução deste tipo só talvez contentasse a maioria dos caçadores...

M. P. J.

Tapetes de Arraiolos

“Sempre Noiva”

Fabrico da SOFAL

SOCIEDADE FABRIL ALENTEJANA, LDA.

ARRAIOLAS

Fábrica:
Lugar das Ilhas - Tel. 4 21 36
Sala de Exposições:
Praça Lima de Brito

VILA VIÇOSA

Salão de Exposição:
Largo Mariano Presado, 25
Telefone: 256

NOTA DA SEMANA

SABER CONVIDAR, SABER RECEBER

Um grupo de mais de uma centena de pessoas — jornalistas das imprensas diária e não-diária e familiares —, no penúltimo fim-de-semana, desde a «Docapesca» até à Feira Internacional, passando pelo «Narciso», na praia de Carcavelos, o Hotel Estoril-Sol, o Clube Dom Carlos, em Cascais, o Casino Estoril e Sintra, presente na sua maior força com toda a Câmara, Biblioteca e Comissão de Turismo, esse grupo, ia dizer, foi recebido de maneira tão acolhedora e simpática, que, posso garantir, por tanta fidalguia se transformou para aqueles que tão bem o souberam receber num investimento de incalculável valor, cujos benefícios, posso acrescentar, ficaram em árvore que dificilmente secará.

Em Évora está a decorrer a Feira de S. João e a Câmara e a respectiva Comissão expediram vários convites para alguns dos seus principais episódios, desde a abertura ao encerramento. Só que, dizem-nos, houve convites para indivíduos só para irem fazer número e outros, para alguns escolhidos, para participarem mais de perto. Que isto de convidar, cada um para sua casa ou para a sua mesa tem o direito de só convidar quem quer. Mas há pessoas que representam sectores importantes da economia, a quem pareceu muito mal só serem convidados para os actos de «apenas para fazer número» em que estarão presentes o Ministro da Economia e os Secretários de Estado desse Ministério, e daí o terem-se alheado de tudo que respeita à feira, como primeira consequência do mau investimento que, pela razão da sua impoderada segregação, fizeram os seus responsáveis.

Pergunto: Será que as entidades como as referidas na primeira premissa triunfam em toda a extensão por saberem convidar e receber, enquanto, por razões inversas, coisas como a feira de São João em Évora estão em cada vez mais acentuada decadência?

A CAÇA

A maioria dos caçadores afirma que os seus direitos de caçadores e de contribuintes que pagam uma licença, não se encontram salvaguardados. Com efeito, eu também sou caçador e tenho-me esquecido disso, mas vejamos os aspectos que pode tomar toda esta problemática da caça.

Pela dimensão e até pela quantidade das espécies cinegéticas e ainda pelo grande período do defeso, seria inimaginável a existência de outra espécie de caçadores que não fosse a desportiva, a única que deveria ser contemplada pela lei. Sim, porque a caça, com o actual

preço das licenças e demais documentos, com o próprio preço da espingarda e de toda a «bagagem», que não se furtaram ao processo inflacionista que tem imperado nos últimos anos, já não vai estando ao alcance de muitas bolsas sem aquela dose de sacrifício que só o tradicional interesse do Povo Português pelo desporto de Santo Humberto justifica. Apesar disto, toda a gente conhece a existência daqueles caçadores a quem o vulgo chama os «profissionais» contra os quais todos os outros caçadores clamam, cuja única actividade é a caça nos períodos venatórios e por vezes, mesmo para além deles. Actividade pobre em todos os casos, mesmo mais pobres do que aquela que exercem no período do defeso mas com a aliciatória da liberdade e a possibilidade de «matar o vício».

Em todas as terras, quem não pode apontar um ou outro caso de caçador «profissional» pessoa quase sempre popular e que todos olham com um misto de interesse e miséria?

Alguns não o serão, mas no pensar das pessoas é o caçador furtivo das mil aventuras, que caça para matar a fome a ele e à família, que vagueia os dias inteiros pelos campos na peugada da veloz perdiz e do arredo láparo e de quem os guardas das coutadas têm medo.

De qualquer forma, furtivos ou não, destruidores ou não das espécies

(CONTINUA NA PAGINA CINCO)

PROF. OLÍVIO CAEIRO

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

tas (Internationale Vereinigung für Germanische Sprach- und Literaturwissenschaft), por proposta do respectivo presidente, o prof. Leonard Forster, director do Departamento Germanístico da Universidade de Cambridge.

O prof. Olívio Caeiro desde cedo definiu o seu interesse pelos estudos de Literatura Alemã, sendo actualmente, na Universidade de Lisboa, o único catedrático especializado na matéria. Efectuou, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, estadias de estudo e investigação na Alemanha e tem publicado vários trabalhos daquele campo filológico.

Noticiário

DOENTE

A meio da semana passada seguiu para Évora, a fim de ser internado no hospital daquela cidade, onde irá ser submetido a uma intervenção cirúrgica, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Cipriano Prates Lourinho. Que regresse depressa e completamente restabelecido, são os nossos votos.

EXAMES

Nos diversos estabelecimentos de ensino desta Vila estão a prestar provas os alunos que ao longo do ano obtiveram no-

Governador Civil de Évora

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

horas, foi recebida por todos os membros do Conselho Municipal, Câmara Municipal, presidentes de todas as Juntas de Freguesia e Regedores.

Logo, imediatamente, após os cumprimentos a Sua Excelência realizou-se na sala de sessões da Câmara uma sessão de trabalho, tendo no início desta, usado da palavra em primeiro lugar o sr. presidente da Câmara para dizer da alegria e honra que todos sentiam ao terem consigo, o mais alto magistrado administrativo do distrito.

Após esta sessão de trabalho e depois de umas quentes e oportunas considerações de Sua Excelência o Senhor Governador Civil, todas estas individualidades se reuniram num almoço de confraternização num dos restaurantes locais.

Verdades... em quadras

I

Vivo a vida a correr
Não tenho tempo pr'a nada
Só consigo adormecer
Nos braços da minh'amada!

II

Veloz vai correndo a vida,
a vida que nós vivemos
E sempre entregues à vida,
Pr'a viver tempo não temos.

III

Vai um dia, outro vem,
Com uma noite no meio.
Sou tua, de mais ninguém,
Sejas lindo ou sejas feio!

IV

O sol que tudo ilumina
Aqueceu meu coração.
Foi desse calor, menina,
Que nasceu minha paixão.

V

No dia em que eu nasci,
Logo o destino me leu
A sina — viver pr'a ti!
Daí, só poder ser teu!

Évora, Maio 1973

BENTO ROSADO

tas bastantes (Ciclo Preparatório e Liceu) que lhes garantissem uma passagem imediata.

Desde que nos informem, contamos apresentar-vos, num dos próximos números do jornal, uma lista dos melhores estudantes de Vila Viçosa neste ano lectivo prestes a findar.

NOVO PROFESSOR

Em Évora, na Escola do Magistério Primário terminaram os exames sendo-nos grato salientar contar-se, entre os alunos que completaram o curso, um nosso conterrâneo, o sr. João Manuel Fontainhas Condenado.

Ao novo professor apresentamos as nossas felicitações e desejamos-lhe as maiores venturas na sua meritória e altruística missão.

PARA O ULTRAMAR

Está mobilizado, em vésperas de seguir para o Ultramar, província de Angola, onde durante dois anos irá defender a integridade do território Nacional, um

O FAMOSO "CARAGENA"

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

repiques nas suas festas e festejos públicos. E como o lugar da torre em que sempre esteve o relógio seja o mais conveniente que há naquela Vila, deve V. M. mandar consertar a torre e porque o Concelho se não acha com bens para o fazer se deve tirar a despesa dos sobejos das sisas ou lançar-se finta quando os não haja pelo tribunal competente a que toca. Lisboa, em mesa 6 de Setembro de 1706.

Indeferido, de facto, o requerimento apresentado pelo Procurador dos Mistérios, a verdade é que só muito mais tarde — em 1922 — a transferência do relógio para a Paroquia de S. Bartolomeu se veio a operar, colocado aí como ainda agora o vemos, acompanhado da data referida.

militar Calipolense, Joaquim António Pernas Vilas-Boas.

Desejamos-lhe boa sorte e um feliz regresso.

PARA O ESTRANGEIRO

Para a fábrica de Aços GEBR. BOEHLER & CO. na Áustria, aonde vai estagiar num curso de tratamentos térmicos de aços, partiu no passado dia 23 do corrente o nosso assinante sr. Reinaldo da Silva Lopes, sub-agente da firma «Metalúrgica António Barradas» desta localidade.

COLUMBÓFILA

Foi a seguinte a ordem da chegada dos 10 primeiros da solta de pombos efectuada no dia 9 em Zaragoza:

1.º — Mário Ameixa; 2.º — Garção da Silva; 3.º — Frade & Saramago; 4.º — António Mo-

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

COBRANÇA DE ASSINATURAS

A partir de 9 de Julho iniciaremos a cobrança de assinaturas, respeitante aos primeiros 2 meses (15\$00) com excepção da dos nossos estimados assinantes do Ultramar e do Estrangeiro, a quem agradecemos nos enviem sempre adiantadamente o seu custo (25\$00) em qualquer moeda.

Ficaremos muito gratos a todos os nossos prezados assinantes do Continente que queiram fazer o favor de nos evitarem a cobrança, enviando-nos, antes daquela data, cheque, vale de correio ou selos. A estes oferecemos com prazer o porte do Jornal, que pagarão apenas a 1\$50 por exemplar, aliás preço porque ficam os jornais que enviamos para o Ultramar e Estrangeiro.

BREVES CONSIDERAÇÕES

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

grande razão de queixa, na medida em que tenho recebido de várias entidades particulares e do público, participações valiosas, sobretudo incomensuráveis de intenção.

Mas, é tempo de todos deixarem de talvez só por comodismo e outros ismos exigirem ou imputarem a responsabilidade das faltas aos poderes públicos. Lembremo-nos da «Parábola dos Vimes» e então deixemo-nos de nos dividir e todos juntos poderemos tornar Vila Viçosa mais alta e melhor.

Conclusão «ser bairrista é ser amigo da sua terra em todas as situações, até na desportiva, mas sem emoções demasiadas, embora devemos acalantar e apoiar os nossos rapazes, mas não deixando nunca, de esquecer os briosos rapazes que, do mesmo modo nos visitam. Desporto é comunicabilidade, educação, solidariedade, intercâmbio. Bairrismo consiste em ser amigo da sua terra, mas obreiro na sua medida e esforço em prol da mesma. Ainda a propósito de desporto e para terminar lembro o esforço e vontade dos dirigentes do clube local, a braços com os juniores na 1.ª Divisão Nacional e os Seniores, de novo, na 3.ª Divisão. Reparem o que é necessário para sustentar as deslocações a que estas situações obrigam!

Após estas breves considerações e para terminar apelo para a união dos Calipolenses, inclusivamente das freguesias rurais, todos, pois só assim poderemos caminhar para melhores dias.

Todos por Vila Viçosa
E Vila Viçosa por todos!

F. A.